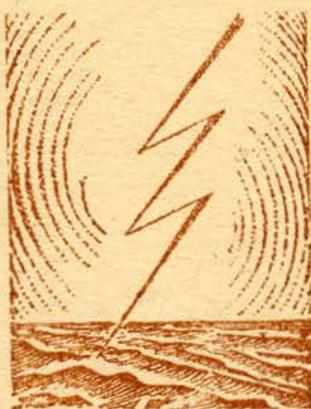


CADERNOS DE POESIA

Direcção de MAYA VILLAÇA

2



EDIÇÕES ALTURA

ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA, LIMITADA
P Ô R T O

CADERNOS DE POESIA

Direcção de
MAYA VILLAÇA

CADERNOS DE POESIA

II

Colaboram :

Amândio César
António Pereira
António de Sousa
Campos de Figueirêdo
Carlos Queiroz
Carmo Vaz
José Moreira
José Palla e Carmo
José Régio
Lorenzo di Poppa
Manuel Terroso
Miguel Trigueiros
Pedro Homem de Mello
Raíno
Saúl Dias

JOSÉ RÉGIO

O PEGO

Nadador que ao nadar, sem desistir, sentisse
Chupá-lo, como polvo informe, o pego imundo,
Ao mesmo tempo estou nadando à superfície
E mais me afundo... em quê? e desço para o fundo...

De costas, vejo o azul, agito os pés e as mãos,
Sinto nadar os mais, gozo o ar e as ondas, vou,
Multiplicô, à flor de água, os movimentos vãos,
Mantenho-me... porém, que fundo ou que alto estou!

Porque o céu que é, lá'cima, essa tranqüila curva
De bom setim azul, que tão bem faz olhar,
Se me abre a mim de mais, se liquefaz, se turva,
Se encrespa, e me atrai como um outro e maior mar...

À flor da água em que nado, opresso e falso, agito
Os pés e as mãos dum corpo a que me alheio...,
[embora
Lute, abafando um fundo, interminável grito,
Por me agarrar a êle e a tudo o que é de fora...

O pego que me atrai sob a flor de água em que ando
Seduz-me, como essoutro, azul, que se abre em cima,
E, suspenso entre tais fôrças iguais, nadando,
Eu sinto que já só fingir nadar me anima.

Os meus irmãos que ao pé dum tal nadar tremendo
Nadam, mas naturais, como uma alga ou um peixe,
Fugiriam, sentindo os pegos perto — e vendo
Que é um cadáver, já, que entre êles inda mexe.

Mas não! não vêm nada! e falam-me, e eu res-
[pondo
Aos ecos duma voz que vem como chegada
De cá de onde inda estou, sem ser de cá, compondo
Um ar de também ser dos que não vêm nada...

CARLOS QUEIROZ

CANÇÃO DEPRESSA

Tudo agora é breve
E pressa, depressa,
Que importa que esqueça?
Tudo agora é breve
Mesmo o que se escreve.

Mesmo o que se sente.
Tudo é breve agora.
Ninguém está contente
E mente quem chora.
Tudo é breve agora.

Não há nada lento.
Roubaram ao tempo
O tempo que êle teve.
Tudo agora é breve
Só dura um momento.

Faça sol ou neve
Com juízo ou louco
Dôa muito ou pouco
O tempo não chega
Tudo agora é breve.

Que importa que esqueça?
Vamos sem demora
Vamos sem viver.
Tudo é breve agora
E pressa, depressa

— Pressa de morrer.

CERTEZA

A paisagem fugiu.
A vida ficou deserta.
As almas ficaram nuas
Tiritando de frio.

Os sentimentos dispersaram-se.

Ficou o ódio, só. (Para quê? Era inútil!
Sozinho, sem sentido, indómito, grotesco)...

Quem se atreve a dizer: — Olha um anjo no céu?
— O homem sabe que não tem mais sonhos
E nem esconde às crianças
Essa grande miséria.

Mas as crianças continuam a brincar.
Mas os poetas continuam a cantar.
Porque o mistério venceu.

AMÂNDIO CÉSAR

ESCOLA VAZIA

Eu fui lá nesse dia, como nos outros dias,
só para ver, mas ver como se fizesse parte,
as crianças brincar e saltar, despreocupadamente.

Os jardins estavam vazios de gritos infantis
e um bibe verde-claro, ficou-se
balouçando, no braço estendido
de qualquer arbusto, ao acaso...

Os jardins estão vazios e mesmo os bancos
não têm ninguém sentado;
um livro aberto, cadernos pelo chão,
e uma pena que rolou por rolar
e está espetada como uma seta.

Só acácias tristes balouçam ao vento,
balouçam e vão caindo, e o vento continua
balouçando;
só a escola está vazia,
enquanto os aviões continuam passando, passando...

DUNQUERQUE

Dunquerque foi isto,
isto e nada mais:
mil corpos de Cristo
rasgados por chacais.

FOI SEMPRE ASSIM...

Agora que tudo sabe a sangue,
a pólvora e a morte,
ninguém me peça outro lirismo que não seja
a súplica de um rosto exangue,
o rastejar tão baixo como a terra
e um olhar tão vago como o norte
de onde virá o fim da guerra...

Sim, ontem... mas onde estávamos todos
que ficamos calados?

Onde os nossos cantos,
onde as nossas pragas,
e de nossos prantos

Todos descuidados!

Era fácil a vida onde tudo sucedia,
como num romance bom,
à noite o dia...

então?

Veio o sangue, a pólvora, a morte,
em que nunca acreditamos!

E depois de duvidar... choramos.

TURISMO DE GUERRA

Montes escarpados
que foram de turismo,
em cada ravina escondem a morte
que passeia na terra...

A imagem sangrenta do heroísmo,
sobre o cartaz
da propaganda de guerra.

LORENZO DI POPPA

ENCANTOS

Sacudo a desacostumada embriaguês
e, pasmadas, entreabrem-se névoas,
no horizonte. Caminho sem ruído,
sombra noturna, e nem a injúria
de meus irmãos me sacode,
nem vozes de morte no sangue.
Rio para o longe a coisas que não vejo.
Caminho sem ruído,
para não despertar alguém que sonhe,
e vou para caminhos incertos.
Oh o meu menino — o menino
que eu fui — regressando do tempo
com os olhos encantados de incurável
engano!... Sussurros de vento
tornam a contar as coisas de um dia,
tornam a dizer os cantares suspensos
do pânico. Caminhos incertos
pelos jardins que renascem
da adolescência. Castidade da hora.
Murmuram rios, caminho
ao mar desconhecido,
caminho sob estrêlas.

QUEDA

Porque te apeteceu subir muito alto,
forçar o sonho, fugir à terra viscosa
e com olhar crédulo
enamorar diáfanos fantasmas?...
Agora, precipitada, encontras-te flôr do solo
suspensa sôbre o lôdo,
e um rio de pranto inútil
jorra dos olhos iludidos, alma.
Semelhante ao floco de nuvem branca
separando-se em ânsia de altura,
fujo dos ventos enquanto chora
negro sôbre a planície esquálida.

CAMINHOS

E tu voltarás pela tua estrada
solitária, sem árvores nem sebes
de espinheiros e sem pedras e sem
espinhos: via solitária atravez dos campos
planos, que não se sabe onde conduz,
nem donde venha ou porque seja. Longínqua,
além o olhar, o desejo e o sonho,
oh, longa marcha inútil,
com o coração nas mãos como velho pêso
odiado e querido, e com as pernas cansadas
de muitos anos!... Nem ao sol luminoso
te destinas, ó alma! Noturna
caminharás — fantasma de leve claridade
de lua — e o teu irmão
não estará contigo a levar-te pela mão.

MIGUEL TRIGUEIROS

MOMENTO

Vamos, dá-me a tua mão.
Deixa a noitinha tecer
A teia do silêncio em derredor.
Não digas que sim, ou não,
Deixa o silêncio crescer,
Aspira-o, como aspiras uma flor...

Um momento apenas, querida.
Para que serve falar
Quando fala em nós a vida?

Ah, como é bom descansar!

INVOCAÇÃO

Senhor, dá-me as palavras exactas!
Nem mais nem menos do que deva ser.
Nada de frases torcidas e abstractas;
Nada de imagens de côres baratas:
Abrir a alma como um livro
e ler.

QUADRO VIVO

Ai, a caridade feita de exterior,
Muito solene, muito silabada,
Muito bem pesada,
Muito dentro do orçamento,
Como se houvesse racionamento
De amor!

Ai, a caridade feita de encomenda,
Com escrituração de compra e venda!

Ai, a caridade com a pedra no sapato!

Ai, a caridade bem conservadinha...

...Como a velha que tinha um gato
E debaixo da cama o tinha!

SAÚL DIAS

DUAS POESIAS

I

Teus jovens anos floriram nos meus braços
e eu tive uma braçada de flores
numa manhã de Maio.

O sol caiu então num ligeiro desmaio,
escurecendo a terra
e ocultando
as lágrimas de orvalho das ervinhas rasteiras.

E o teu corpo foi também o mês de Maio
com cheiro a madre-silva e rosas trepadeiras.

II

No teu chapéu de palha
há um pequenino ramo de flores artificiais,
mas tão verdadeiras,
tão reais...

Abençoadas as roseiras
que dão rosas artificiais!...

RAÍNHO

NEVOEIRO

Barqueiro das margens do rio
onde o sonho é a paigem,
passa o vento, passa o frio
e nunca fazes paragem.

És mais do rio que da margem,
és mais sonho do que rio,
és mais brisa do que aragem,
és menos frio que o frio...

Barqueiro da barca perdida,
para os remos que o vento quebrou,
para o velame que o vento rasgou,

Para a mastreação partida!
Barqueiro da margem do rio,
que és menos frio que o frio...

MARINHEIRO DEFUNTO

Fica no ondular do leme
e vai perder-se pelo costado,
mas fúria na vela que geme,
como a de um navio desmantelado...

Passa no ondular do leme
e vai quebrar-se pelo costado,
mas parte no mastro que geme,
como o de um navio desmantelado...

Cai no ondular do leme
e vai alongar-se pelo costado,
mas afasta na quilha que geme,
como a de um navio desmantelado...

DISFARCE DE UM CANTO PAGÃO

Fecha essa janela,
tranca bem as portas
e guarda as arrecadas
e os aneis com elas,
mas esconde a arca
tranca bem a porta,
guarda bem a arca.

Foge para casa
mas foge depressa
e guarda as arrecadas,
mai-lo coração
na arca do canto,
mas foge depressa
e guarda-o bem.

Os teus olhos são bonitos
mas nada de pranto:
esconde-os como os brincos
na arca do canto.

Fecha essa janela
e fecha-te em casa
e guarda-te bem;
tranca bem a porta
e tranca o telhado
cuidado... cuidado...

Cá fora não há luar
nem se vê ninguém na rua:
e há pouca gente que saiba
Quem foi que roubou a lua...
É encobertos pela noite,
como não houve luar,
roubaram o manto à Virgem
que dormia num altar

PEDRO HOMEM DE MELLO

BODAS VERMELHAS

Fere-me, vá! Vem a mim Pôvo!
Com teu espírito grosseiro!
Teu corpo de acre vinho novo
De que me causa náusea o cheiro!
Eu seja o último céguinho!
Vem a mim pôvo! E o amor que mintal
Vem com as mangas plumbeas de linho
E com a faixa vermelha à cinta!...
Ai dos prodígios de beleza!
— Beleza surda que nos mata!...
Vem a mim pôvo! de carne prêsa
Aos écos cínicos da prata!...
Com tua dança que não é tua,
Com o teu desejo inconsciente,
Sombra do mar, do sol, da lua
A lembrar bichos que lembram gente!...
Com teu olhar que não vê nada
A não ser pau que se descubra,
Com a tua bôca espêssa e rubra.
Com tua mão curta, pesada,
Fere-me, vá! Destroe a alvura
De meu altar de sonhador!...

— Que a noite, a minha noite escura
Em sangue mude a sua côr!...

CARMO VAZ

NOTURNO

Ai quando o quero
E não posso.
E contorço, retomo e persisto.

Ai quando o anseio
E não toco.
E suporto, noto e não insisto.

Ai o mel das falas suaves!
(Quem me disse que eras tu,
Se eu bem no soube, sempre?)

Ai a fome que é tanta,
E não consome, nem já espanta
Esta mágua, molhada em pranto
Que nasce em todo o desencanto.

Ai o sonho que me sonharam
E o pêso do dever
Que aos ombros me lançaram.

Como foi, como foi
Que te cravaram os olhos,
Te vasaram as entranhas
E te puseram a bailar ao vento
Com palha por dentro?

Ai que eu já nem quero
O que posso,
Mas que sempre espero...

E ainda troço
Desta espera torturada
Da madrugada
Que não há-de vir.

BAILADORA DE SARI

Longe, muito longe,
Perdida na noite dos tempos,
Esbrazeada, hierática, antiga,
Ela baila para mim...

Flôr de Lótus,
No charco do meu sonho,
Nascida no meu peito,
Fecundada em meu sangue,
Sombra anil do meu anseio,
Ela baila...

E a curva do peito
Traça no ar a graça
De um puro geito
Que breve perpassa.

Suave, suavemente,
Tange na noite crua
A viola, resto triste
Do rito antigo, milenário.

Ó bailadora de Sari, bailadora triste!
Se eu fôra a sombra de melancolia
Que bóia no teu olhar que implora...

CAMPOS DE FIGUEIRÊDO

ESPÍRITO

Esta flor delicada,
De que me vale?
Só lhe devo o mal!

Esta flor delicada
Que não veio do sangue, nem da raça,
É a minha desgraça.

Quando eu nasci beijou-me a luz de um astro
Que se apagou na madrugada...

Ai de mim! e nasceu esta flor delicada.

POEMA

Eu sei que um dia irás, calada e pálida,
Pôr flores no meu coval.
Ah, mas por Deus, não chores uma lágrima!
Chama por mim, baixinho...

Então verás as pétalas das rosas,
Dos lírios, das violetas, dos crisântemos,
acesas como estrêlas!

Sou eu que me ilumino
Lá no fundo da noite,
Para te ver no meu caminho!

ANTÓNIO DE SOUSA

CHARADA

O anjo acordou tarde.
Já corridas as cortinas do céu,
iam os sóis a caminho,
cofiando as ígneas barbas.

Nem teve tempo de pentear as barbas...
(Chamava-o cá de baixo o sino aflito.)

Desceu num vôo a pique,
suspirou,
sem dar por tal fêz um *tonneau*,
e aterrou no telhado pacato.

O «Tigre» abriu um olho turvo,
inquieta
diante daquela pomba que não podia caçar.
(Comer os deuses é façanha de homens!...)

Por baixo do telhado havia uma trapeira;
na trapeira, entre outras coisas, havia uma cama;
na cama havia um homem a bocejar.

— Senhor doutor!

(Era a criada com o pequeno almôço e o jornal.)

O anjo espreitava pelo alhoio,
e quando o homem, regalado, acendeu um cigarro,
fêz-se um novelhinho de fumo,
e ao primeiro sorvo entrou-lhe para a alma.

Depois o melhor da história começou.
O anjo era um anjo bom.
Aquela cidade era correta e boa,
num país histórico e bom, bom, bom,
— o melhor dos melhores entre os melhores países.

Eu contava a história se soubesse
a linguagem dos homens-anjos de manhã até à noite,
mas não sei!...

Talvez *depois*, na mesa-pé-de-galo
— uma pancada: *a*; duas pancadas: *b*; etc.
Talvez *depois*...

ANTÓNIO PEREIRA

RUA DO MAR

A minha rua é só de pescadores,
Famílias ignoradas, marés mortas...
A minha rua não tem nome
Nem tem números nas portas.

Na minha rua o mar é todo o mundo...
Tôdas as lágrimas e alegrias,
Bôas-novas, naufrágios, maresias,
— Tôdas as notícias veem do mar ao fundo!

PEQUENO POEMA

Em minha casa somos todos poetas:
O meu pai vive o mar como quem vive um poema
E sonha alto com as maresias...
A minha mãe sonha comigo todos os dias,
A minha avó sonha com o céu rezando terços...
E eu, talvez o menos poeta,
Escrevo os versos...

JOSÉ MOREIRA

FÁBRICA

Quando do lançamento da primeira pedra,
houve festa e discursos,
e música e foguetes...

Todos os olhos postos
na nova construção,
tôdas as almas satisfeitas
e novas esperanças no amanhã...

Mas foi só naquele dia,
— Dia da inauguração!

Agora, as chaminés
lançam seu fumo negro e sinistro,
as máquinas rolam sem cessar
e a vida na fábrica é coisa vulgar
de lucros e produção!

TURISMO

Não fiques aí à porta,
extasiado pelas linhas suaves
do edifício moderno da fábrica.

Entra... e respira êste ar
de trabalho inglório,
ouve êste ruído, que para êles
já não tem nexo, nem som,
pois é o diapásão de todos os dias...

Talvez então...
não tires a máquina fotográfica,
nem graves esta imagem:
É tudo tão feio neste interior...

Mas mesmo que o faças,
podes crer,
que não é numa fotografia
que fica gravado o seu sofrer.

MANUEL TERROSO

SOBRA

Parou a morte na estrada.

Levou, primeiro um mendigo,
Levou, depois, um escravo,
De mais além, um humilde.

Foi, no mendigo, o martírio
E foi, no escravo, a justiça
E foi, no humilde, a verdade.

Partiram...

E outros ficaram
A pensar dos que partiram
Por essa noite adiante...

A pensar dos que partiram
Que a morte, se a vida é dura,
Não mata a vida de todo!

JOSÉ PALLA E CARMO

SINGELEZA

Um homem chorou diante da dor do mundo
Feliz dêle que sentiu.

Uma criança abriu os olhos maravilhados
Feliz dela que viu.

Um ser humano descobriu o segrêdo da vida
Feliz dêle que sorriu.

Olho para mim nada vejo
E mesmo assim
Feliz de mim por qualquer coisa...

CADERNOS DE POESIA

Colaboradores do 1.º caderno :

Carlos Macêdo
Duarte de Montalegre
Gomes de Andrade
Manuel Vicente
Maya Villaça
Noël de Arriaga
Silva Maya

ALTURA

47, Rua Cândido dos Reis, 49 // Pôrto

Maio de 1945

TIP. DA ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA, L.^ª
Rua Cândido dos Reis, 47-49. Tel. 547

— PÔRTO —